



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

CAMILA DEODÔNIO DE QUEIRÓS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO OPERATIVO COM
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE
LIBERDADE ASSISTIDA**

**CAMPINA GRANDE - PB.
2018**

CAMILA DEODÔNIO DE QUEIRÓS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO OPERATIVO COM
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE
LIBERDADE ASSISTIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia, da Universidade
Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Maria Lígia de Aquino
Gouveia.

**CAMPINA GRANDE - PB.
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q38r Queirós, Camila Deodônio de.

Relato de experiência de um grupo operativo com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida [manuscrito] : / Camila Deodonio de Queiros. - 2018.

26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Medida socioeducativa. 4. Liberdade assistida.

21. ed. CDD 150.195

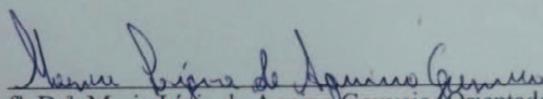
CAMILA DEODÔNIO DE QUEIRÓS

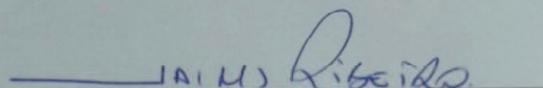
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO OPERATIVO COM ADOLESCENTES EM
CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE LIBERDADE ASSISTIDA

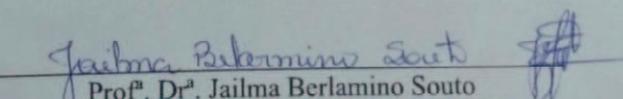
Artigo apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia
da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Maria Lígia de Aquino Gouveia (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Jaims Franklin Ribeiro Soares
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof.^a Dr.^a Jailma Berlamino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por nunca deixar que eu parasse de acreditar em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Ana Cristina Loureiro, coordenadora do curso de Psicologia, por sempre acreditar na minha capacidade e por cada palavra de incentivo a mim dada ao longo deste percurso.

A professora Maria Ligia de Aquino Gouveia pela dedicação nesta orientação de TCC e estágio. Por ter conduzido nossa experiência acadêmica de forma humana, considerando minha subjetividade e das minhas colegas de estágio, agindo e ensinando a agir em coerência com aquilo que é ensinado em sala de aula.

À professora Jailma Berlamino Souto, por junto a professora Maria Lígia, ter me rerepresentado a psicanálise e me feito ter um novo olhar sobre a teoria e a vida.

Aos demais professores do Curso, em especial, a professora Thelma Maria Grisi Velôso, a quem devo muitos agradecimentos pelos anos que trabalhamos juntas em projetos de extensão, me ensinando a trabalhar com grupos numa perspectiva da psicologia social comunitária e freiriana. Uma visão de trabalho que irei levar comigo para minhas práticas profissionais.

A minha mãe, Cicera Deodônio, por está sempre ao meu lado me dando força e sendo um exemplo de mulher, pessoa e profissional. Um grande espelho que me fez chegar aqui e continuar caminhando em busca dos meus objetivos, independente dos obstáculos. E meus irmãos, Eduardo Deodônio e Leonardo Deodônio, que junto a minha mãe formam pilares que me sustentam, mesmo que não tenham ciência disso.

A Valber Torres, companheiro e pai do meu filho, por sua paciência, carinho, força e incentivo em cada momento, de tristezas e alegrias, que passei para chegar até aqui. E a meu filho, Dylan, por ser, hoje, meu maior amor e motivo para continuar seguindo em frente.

A equipe do Creas da Cidade de Lagoa Seca – PB, por ter acolhido minha proposta de TCC, e pelo espaço que a mim foi dado na instituição.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial a Virgínia Trovão, por me dar abrigo em todos os sentidos em momentos importantes deste percurso, sendo uma grande amiga que o curso me deu. Também a Amanda Raylla Melo, ou como chamamos, Lila, por encarar ao meu lado vários desafios, por cada palavra de conforto e compreensão, pela dedicação e verdade que coloca nos trabalhos que realizamos, por seu desejo insaciável e inspirador de aprender. Gratidão por sua amizade e parceria.

Por fim, ao universo, por fazer possível todos esses encontros, vivências e aprendizados, experienciados ao longo desses cinco anos e seis meses, nos quais pude realizar o desejo de uma menina da 8º série do ensino fundamental de uma escola pública e de certo modo rural, hoje mulher, mãe, e finalmente, psicóloga.

“[...] A palavra tem sido deixada de lado, proporcionando cada vez mais o reinado do gozo, em que se atestam modos inéditos de laço com o Outro, com a predominância de sintomas onde a atuação substitui a enunciação” (CAPANEMA & VORCARO, 2012).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 <i>Adolescência</i>	10
2 METODOLOGIA	12
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
3.1 <i>Descrição das atividades realizadas</i>	13
3.2 <i>Discussão dos resultados</i>	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	24
ANEXO II – ÁRVORE DOS SONHOS CONFECCIONADA NO PRIMEIRO ENCONTRO	25
ANEXO III – CARTAZ COM VERSOS DA MÚSICA FÉ NA LUTA (GABRIEL O PENSADOR), CONFECCIONADO NO QUARTO ENCONTRO.....	25
ANEXO IV – CARTAZ COM VERSOS DA MÚSICA FÉ NA LUTA (GABRIEL O PENSADOR), CONFECCIONADO NO QUARTO ENCONTRO.....	26
ANEXO IV – CONTRATO CONFECCIONADO NO QUINTO ENCONTRO	26

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO OPERATIVO COM ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE LIBERDADE ASSISTIDA

Camila Deodônio de Queirós*

RESUMO

O presente relato trata de uma experiência de estágio realizada no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) localizado na cidade de Lagoa Seca-PB, com um grupo de adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa (MSE) de Liberdade Assistida (L.A). Esta experiência teve como objetivo refletir sobre as vivências deste grupo e o manejo da equipe que os assistiu partindo da teoria psicanalítica lacaniana. No que se refere a metodologia, foram utilizadas temáticas e recursos que visaram fomentar o (re)pensar o ato infracional, além das potencialidades e possibilidades de presente e futuro para os adolescentes. Como resultados, se destaca uma mudança de posição dos adolescentes e do próprio manejo das técnicas responsáveis pelo grupo, passando do discurso normativo para as questões próprias de cada adolescente e sua implicação com o ato infracional. Essa mudança foi mobilizada pela transferência e pela maior abertura, no manejo do grupo, para a fala dos próprios sujeitos.

Palavras-Chave: Psicanálise; Psicologia; Medida socioeducativa; Liberdade Assistida.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei Federal n.º 8.069/90, a Medida Socioeducativa (MSE) não deve ser meramente punitiva e repressiva, deve possuir uma dimensão jurídico-sancionatória e ético-pedagógica. De modo a possibilitar a compreensão do adolescente quanto sua responsabilidade frente o ato infracional e conduzi-lo a uma mudança de vida. As práticas deste serviço segue as normativas do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) Lei Federal n.º 12.594/2012, documento criado para guiar as ações neste âmbito a partir do que é regulamentado pelos Direitos Humanos, ECA, sob orientação do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) Lei Federal n.º 8.242/91 (CONANDA, 2006).

* Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: deodoniocamila@gmail.com

As modalidades de MSE são advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade, e internação em estabelecimento educacional. No que diz respeito ao cumprimento de Liberdade Assistida (L.A), tema do presente estudo, compreende-se que o adolescente, autor do ato infracional, deve ser visto em sua particularidade, considerando sua história, para a partir dela desenvolver atividades que o auxiliem na reconstrução de um novo projeto de vida, ressignificação de valores e princípios éticos, superação de sua situação de exclusão, fortalecimento de laços familiares, fortalecimento de convívio em comunidade e a não reincidência do ato infracional. O trabalho com adolescentes em cumprimento de LA deve ser feito em rede, promovendo acesso a serviços públicos que contribuam para o alcance de tais objetivos e garanta seus direitos como cidadão (CONANDA, 2006; Conselho Federal de Psicologia, 2012).

A MSE de L.A é geralmente trabalhada pelos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) (SCHAMITT, NACIMENTO, & SCHWEITZER, 2016). Conforme expresso na Lei nº 12.435/2011, que regulamenta o funcionamento do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), o Creas é uma unidade pública estatal, de abrangência municipal ou regional, referência para a oferta de serviços socioassistenciais especializados à famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, por violação de direitos. O Creas deve realizar seu trabalho articulado com as demais unidades e serviços da rede socioassistencial, amparado por políticas públicas e órgãos de defesa de direitos (Ministério do Desenvolvimento Social [MDS], 2011).

O papel do psicólogo, junto a equipe multiprofissional no serviço de assistência social, muitas vezes não é claro. A partir das experiências dos profissionais que atuam neste contexto e das leis que dão base aos serviços ofertados na assistência social, o Conselho Federal de Psicologia (2012) estabelece diretrizes para o trabalho do psicólogo com adolescentes em LA. Um dos pontos principais do trabalho é a elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA), que tem por finalidade conhecer a biografia do adolescente e elaborar um atendimento direcionado as suas necessidades específicas. A partir disto, cabe ao psicólogo, junto a equipe multiprofissional, construir práticas que contribuam para efetivação da ressocialização dos adolescentes, articulando ações entre o Estado, a família, e a sociedade, assegurando a estes o acesso a seus direitos, como previsto no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

O presente relato de experiência foi realizado a partir do acompanhamento de um grupo de adolescentes em medida socioeducativa de LA, em um Creas, da cidade de Lagoa Seca-PB. Esta proposta surgiu a partir do acompanhamento deste grupo durante o estágio Multiprofissional Interiorizado (EMI) realizado pela autora deste artigo.

1.1 Adolescência

Este estudo se fundamenta na perspectiva psicanalítica Lacaniana. Nesta perspectiva a adolescência é compreendida como um momento de transição, de atravessamento da posição infantil para a adulta. Na adolescência o sujeito é invadido pelas demandas sociais, padrões normativos, e é convocado a não utilizar mais de sua linguagem infantil. As mudanças corporais neste momento da vida levam ao encontro com o sexual, este marcado pelo traumático (BRISSET, 2016; FREDA, 2016), tendo o sujeito que buscar novas figuras de identificação que por vezes não as encontra (LACADÉE, 2016). De acordo com Caldas:

A adolescência é, em relação a essa questão, um tempo crítico, no qual o jovem deixa a esfera infantil de uma sexualidade sonhada para experimentá-la em ato no laço social. Depara-se então com muitas manifestações de autoridade: o outro corpo que as mutações da puberdade lhe impõe; o Outro da cultura mais amplo que a familiar, campo no qual ele precisa conquistar autorização para sua vida adulta; o encontro sexual com o corpo de outra pessoa (CALDAS, 2016. p. 127).

Assim, para a psicanálise, a adolescência é um momento de transição da infância para a vida adulta, marcado pelo encontro com o desejo sexual e a convocação do saber fazer com ele. Nesse encontro, se colocam desafios, uma vez que não existe um saber prescrito sobre o que é uma relação sexual, cabendo a cada um dar sua resposta a um Outro sexo. A alteridade presente no encontro com o Outro não é sustentada pela ordem biológica, mas pela não existência de relação, ou seja, do que seria aquele que complementa (LACADÉE, 2016).

Na transição da infância para a idade adulta, o corpo se transforma e o sujeito se depara com o furo no saber, estando essa passagem, que chamamos adolescência, sob efeito nas três ordens: Na ordem imaginária – desencontro entre a imagem corporal e a identificação simbólica infantil -; na ordem simbólica – encontro com algo que não consegue nomear – e na ordem real – confronto com a não relação sexual (LACADÉE, 2016).

Na adolescência o sujeito se depara com uma mudança de posição em relação a autoridade suposta ao Outro. Essa suposição fala da constituição do sujeito que ocorre nos primeiros anos de vida, pela via da inscrição da metáfora paterna, que para Lacan trata de um dos tempos da constituição psíquica, aquela que institui o tempo da separação diante da alienação, a divisão do sujeito e a entrada do mesmo no simbólico.

Com a entrada no simbólico, na constituição humana, surge o falo como significante do desejo, que por ser fundado no campo do Outro, nunca se saberá sobre o mesmo, mas mobilizará o sujeito em busca do objeto, que jamais será encontrado, mas deslizará em suplência parcial de satisfação.

Assim, na primeira concepção teórica de Lacan o que se destaca é a dimensão simbólica, a metáfora paterna como agente da castração. Na adolescência entra em evidência a demanda de resposta e posição frente ao falo. Entretanto, na atualidade a metáfora paterna está enfraquecida, e assim, não ocupa mais o papel central de regulador frente ao real, ou seja, o que antes era sustentado pelas tradições, constâncias de papéis e configurações sociais, fica à mercê da busca desenfreada da completude, do gozo. O gozo é fazer uso de uma coisa até o abuso, abuso que o direito tem a ambição de limitar (LACAN, 1972/2008). Quando o Outro não mais regula a vida pela via da castração o que resta, muitas vezes, é responder em atuações. É nesse movimento que se situa uma das discussões em torno da adolescência, mais especificamente, em torno do confronto do adolescente com a lei.

O gozo se coloca assim como uma instância negativa que não se deixa nem às leis do princípio do prazer, nem aos cuidados da autoconservação, nem a necessidade de descarregar a excitação. Tem-se aí uma concepção muito ampla, no interior da qual se pode situar a noção estrita de gozo sexual (SERGE, ANDRÉ pg 612).

Na modernidade, no século XIX, o sujeito era marcado pela supremacia do pai como o Outro e a inibição do gozo. Atualmente é vivo o reinado do gozo. As leis de mercado e consumo falam mais alto, levando o sujeito muitas vezes a buscar uma satisfação que nunca será plenamente alcançada, na tentativa de tamponar a falta que os ideais não mais recobrem (CAPANEMA & VORCARO, 2012). O momento atual é marcado pela degradação do lugar do pai. É época da errância, na qual o Outro não existe (RAMIREZ, 2016).

Neste contexto o ato infracional pode ser a busca desse Outro, do olhar de uma alguém que os assegurem, ofereçam carinho e amparo, um grito sem palavras de apelo a sociedade, de modo que o olhar de medo e marginalização torna-se mais desejado do que ser invisível nas ruas (CAPANEMA & VORCARO, 2012). A resposta da sociedade ao ato infracional cometido por adolescentes, na maioria das vezes, não os leva a encontrar esse amparo que buscam, mesmo sem saber, e o grito só aumenta, grito angustiado e alienado sem um interlocutor que o interprete como o é. A liberdade assistida é uma possibilidade de existência desse interlocutor que possa compreender o que em ato é falado, trazendo o ato para palavras de forma a fazer prevalecer a humanidade desses sujeitos, por meio da construção do simbólico (CAPANEMA & VORCARO, 2012). Ainda segundo as autoras, “Lacan considera

que o ato surge como uma forma particular de provocação e um dos modos de se inscrever no outro” (p. 153).

Através da palavra o sujeito passa a ressignificar a si e a vida. Ela é a manifestação do simbólico, fazendo deslizar o sujeito, não sendo mais necessário a passagem ao ato como sintoma. Freda (2016) aponta que “a psicanálise propõe a palavra como meio, como ferramenta, mas não para se fazer entender, e sim para descobrir e para criar” (p. 215). Criar algo novo, com aquilo que foi possível se reaver em relação às vivências de cada um. É colocar o adolescente no lugar de sujeito, com possibilidade de se posicionar e se responsabilizar pelas suas escolhas. Essa possibilidade pode ser trabalhada via transferência. A atual fragilidade do nome do Pai deixa os adolescentes desorientados quanto a existência e buscas de referências. Essa desorientação se vê também na totalidade da transferência, caracterizada nos adolescentes por grande labilidade ou recusa total do Outro (FREDA, 2016).

O objetivo desse artigo é relatar a experiência de um trabalho realizado por psicólogos e uma socioeducadora com um grupo de MSE de L.A e também analisar, a luz da psicanálise Lacaniana, o planejamento, o manejo e as produções desse grupo.

2 METODOLOGIA

O presente relato de experiência foi realizado com base em uma observação participante em um CREAS da cidade de Lagoa Seca-PB, com um grupo de medida socioeducativa (MSE) em cumprimento de Liberdade Assistida (L.A) durante o período de novembro 2017 à abril de 2018.

Participaram do grupo sete adolescentes em LA, sendo seis meninos e uma menina, com idades entre 16 à 19 anos, em sua maioria moradores da zona rural da cidade. Em relação ao grau de escolaridade, um estava no médio e os demais no fundamental II, sendo que quatro deles, todos do fundamental II, não estavam estudando no momento. Durante os encontros utilizou-se de textos, músicas, produções manuais, rodas de conversa e dinâmicas.

Os planejamentos e execução dos encontros tinham a participação da psicóloga, da socioeducadora e a estagiária do curso de Psicologia. Ao fim de cada encontro se realizava avaliações, nas quais eram questionadas as metodologias utilizadas, de forma a buscar atender as demandas emergentes apresentadas por eles e a partir disto decidir as temáticas, metodologias e recursos para os encontros seguintes.

Ao todo foram realizados seis encontros com as seguintes temáticas: objetivos, escolhas, qualidades, valores, regras de convivência. Estes ocorreram em três espaços diferentes. O primeiro, na sala da psicóloga, depois passou a ser na área externa do Creas, o penúltimo, na sala da coordenadora e o último, também na área externa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira seção deste item é são descritas as atividades realizadas durante cada um dos seis encontros. Posteriormente, a segunda seção segue com a análise e discussão dos resultados a partir da teoria psicanalítica lacaniana.

3.1 Descrição das atividades realizadas

O primeiro encontro foi trabalhado o tema “objetivos e escolhas”. Os adolescentes confeccionaram uma árvore, utilizando cartolina, a qual foi nomeada como "árvore dos sonhos". Eles escreveram seus desejos em pedaços de papel e os colaram nas folhas da árvore. Antes de colar, enrolaram os papeis e foi feito um sorteio, no qual cada um pegou um papel, leu e falou se o desejo era possível e como fazer para realizá-lo. Os desejos foram: *estudar, trabalhar, ter saúde, ter uma fazenda com animais para cuidar e agradar a mãe*.

Sobre como os realizar os desejos, falavam em se esforçar, “fazer por onde”. Os adolescentes se colocaram bastante em relação a "*agradar a mãe*". Citaram coisas que deixam as mães tristes e coisas que eles podiam fazer para deixá-las felizes. No fim do encontro, eles colaram a árvore dos desejos em uma parte externa do CREAS. Durante este momento foi colocada uma *play list* com músicas. Eles não conheciam nenhuma delas. Quando perguntados quais músicas eles costumam ouvir, citaram, *Rap* (falaram como exemplo o grupo Racionais Mc's e o rapper Projota).

No segundo encontro foi trabalhado o tema "qualidades", dando continuidade ao encontro anterior. Inicialmente foi pedido para que cada um deles colocasse em uma folha de papel três qualidades que possuíam. Eles tiveram muita dificuldade para identificar qualidades em si mesmos, e sobre isso um deles chegou a dizer que “*se fossem defeitos seria muito fácil encher a folha*”.

Mesmo com dificuldade eles realizaram a atividade proposta, citaram: “*um bom amigo*”, “*ajudar as pessoas*”, “*dar conselhos para o bem*”, “*trabalhador*”, “*solidário*”, “*ter esperança em mudar de vida*”, “*estudioso*”, “*conselheiro*”, “*ser uma pessoa de bom coração*”. Algumas, como “*trabalhador*” e “*conselheiro*”, foram citadas por mais de uma

pessoa. Durante esse momento eles pontuaram as qualidades uns dos outros relembrando momentos que vivenciaram e suas qualidades apareceram. Eles recorreram muito ao colega para saber quais qualidades possuíam.

Em seguida recortaram cada qualidade, uma separada da outra e colocaram os recortes de papel sobre a mesa. Com cédulas *fake* de R\$ 50,00 (Cinquenta Reais) e R\$ 100,00 (Cem Reais) deveriam comprar e vender as qualidades. Todos ao mesmo tempo, leram os papéis e negociaram o valor da compra com o dono da qualidade escolhida, simulando uma feira. Um deles comprou apenas uma qualidade, pois disse que preferia ficar com o dinheiro, outro vendeu suas qualidades bem mais caro que os demais, pois disse que valiam muito e deviam ser valorizadas e suas qualidades foram as mais vendidas; outros dois negociaram os valores para comprar muitas qualidades. Quando perguntados como foi pra eles fazer isto, todos concordaram que não foi fácil escrever suas qualidades e que é preciso as valorizar. Para concluir leu-se e discutiu o texto “O homem e a água”¹ (autor desconhecido). O texto falava sobre um rei que procurava um homem sábio para casar-se com sua filha. Para encontrá-lo pediu que os interessados em desposa-la levassem até ela um presente que refletisse um desejo do próprio candidato e o escolhido teria o desejo realizado pelo rei. O mais sábio deu de presente um vaso com água e disse que seu desejo é ser como a água, que muda de estado e se adapta as condições oferecidas. Este foi escolhido pelo rei e aclamado pelo povo por ser humilde e sábio.

No terceiro encontro foi trabalhado o tema "Valor". Inicialmente realizou-se uma dinâmica na qual se apresentou uma cédula verdadeira de R\$ 50,00 (Cinquenta Reais). A socioeducadora pisou e amassou a cédula, em seguida foi perguntado quem a queria, todos responderam positivamente. Seguiu-se uma reflexão sobre o fato de que mesmo amassada a cédula continuava tendo valor, utilizando-se da dinâmica como metáfora para situação dos adolescentes. Depois leu-se a parábola “O anel”² (autor desconhecido), que fazia menção ao valor de cada pessoa. Quando perguntados quem seria a pessoa em suas vidas que reconhece seu valor, citaram as mães e a equipe técnica do Creas.

Por fim, receberam folhas A4 e as dividiram em quatro partes, simbolizando um escudo. No primeiro quadrante deveriam desenhar, escrever, e/ou fazer colagem representando algo que os marcou, até os 6 anos; no segundo dos 6 anos aos 12 anos; no terceiro, algo do momento presente; e no quarto algo que visualizavam para o futuro. Durante

¹ Disponível em: <https://www.belasmensagens.com.br/reflexao/o-homem-e-a-agua-3686.html>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

² Disponível em: http://possibilidades.com.br/parabolas/o_anel.asp. Acesso em: 26 de maio de 2018.

este momento eles ficaram ouvindo músicas, a maioria escolhidas por eles, eram músicas de Rap. Houve dificuldade de todos, principalmente o que diz respeito ao primeiro quadro. Eles diziam não lembrar bem das vivências dessa idade. Um deles, diferente dos demais, sentiu mais dificuldade em falar do presente. Ele se negou a escrever porque disse que não estava feliz naquele dia e não queria escrever coisas negativas. Mesmo sendo dito que ele podia escrever sobre o que estava sentindo, ele se recusou, dizendo que escrever coisas negativas não era o certo a fazer, deixando então em branco. Antes de ir embora ele falou que iria na antiga escola pegar sua transferência para fazer sua matrícula. Ele estava receoso imaginando que poderia não conseguir a transferência. Segundo ele, eles poderiam não ter mais seu histórico guardado.

O quarto encontro teve como tema "Valores existenciais". Inicialmente, foi entregue a letra da música "Fé na luta (Gabriel O Pensador)" e colocada para o grupo ouvir. Em seguida, os adolescentes escolheram os versos da música que os representavam e os escreveram em um cartaz. Depois de fazer os cartazes e os colar na parede, foi entregue a cada um deles um envelope no qual continha um quebra-cabeças. Em algumas peças tinham frases motivacionais sobre valores e outras estavam em branco, estas deveriam ser preenchidas com valores que eles acreditam ter e/ou com o que seria valor pra eles. Depois que escreveram eles colocaram o quebra-cabeças no envelope e foi dito que poderiam levar para casa e voltar a ler as frases quando quisessem. Para encerrar o grupo ouviu a música "Anjos (O Rappa)" e todos cantaram junto. A socioeducadora fez uma reflexão sobre a letra da música que fala sobre ter fé em dias melhores, e que a vida vale a pena mesmo com suas dificuldades.

No quinto encontro foi confeccionado o contrato com as regras de convivência do grupo. Para que todos participassem se utilizou de um rodízio, no qual a cartolina passou por cada um deles. O que chamou atenção foi que eles colocaram mais coisas que não poderiam ser feitas. Algumas das regras foram: *chegar no horário; respeitar um ao outro; não bagunçar; ajudar ao próximo; proibido faltar; proibido usar celular; e, proibido uso de cigarro*. Em seguida, a socioeducadora colocou uma cartolina sobre a mesa com quatro espaços com seguintes dizeres: Gosto e não faço; Gosto e faço; Não gosto e não faço; e Não gosto e faço. Em pequenos papéis eles deveriam escrever algo que correspondesse a cada dizer e os colar. Quem quisesse poderia dobrar o papel, caso não quisesse expor o que escreveu. Sempre que se pede para fazer esse movimento de introspecção eles parecem travar, dizem não saber o que escrever, não saber o que desejam, o que sonham, o que gostam.

No sexto e último encontro foi trabalhado o tema "escolhas". Inicialmente foi entregue a letra da música "Escolhas (Aero 26)", e colocada para que o grupo ouvisse. Seguindo com

uma discussão. Depois foram espalhadas sobre a mesa quatro frases: “Já existiu um momento na vida de vocês quando não sabiam por qual caminho seguir?”; “Sei que posso fazer tudo e não tentem me impedir.”; “Uma pessoa pertence unicamente a si mesma. Ela é um ser livre com o direito inalienável e autodeterminação.”; “Sei que posso fazer tudo, mas nem tudo me convém”. Foi pedido para que eles as comentassem. Os significantes que circularam bastante foram "*caminho do bem/certo e do mal/errado*". Continuando, leu-se a versão popular da Declaração dos Direitos Humanos, de Frei Beto³ relacionando com as frases anteriores.

3.2 Discussão dos resultados

As músicas utilizadas nos encontros eram escolhidas fazendo-se relação entre a letra, as supostas demandas dos adolescentes e os objetivos propostos na MSE de LA. Entretanto, o trabalho com a música precisa ser colocado como uma criação realizada pelos próprios jovens para dar conta da transição que estão vivendo, dessa forma, assim como a música, outras formas de saídas podem ser criadas. Em alguns momentos das atividades trabalhadas com os adolescentes através da música, não houve eco de reconhecimento, pois as músicas eram escolhidas pela equipe técnica e não por eles. Entretanto, após o não reconhecimento pelos adolescentes das músicas escolhidas, os mesmos mencionaram o interesse pelo Rap, esse interesse se fez presente, no grupo, em vários momentos. Para Lacadée (2016) o Rap é uma manifestação cultural que fala do sofrimento de vida e da amarga realidade das ruas, sendo uma maneira de alojar o ser na língua e colocar ali sua voz.

Durante os seis encontros o que mais se destacou foi a falta de enunciação do sujeito. Predominou nas falas dos jovens um discurso normativo, apresentando conteúdo do que se espera socialmente, como "*trabalhar e estudar*". O próprio manejo do grupo por parte da equipe técnica nem sempre garantia esse lugar, uma vez que, ao mesmo tempo em que era aplicada uma dinâmica como gatilho para abertura para a fala, fechava com o discurso do saber, da instituição, apresentando textos “politicamente corretos”. Especialmente se tratando de adolescentes que infringiram a lei e estando em LA, torna-se intimidador e pouco convocador do sujeito, o Outro presentificado, por exemplo, na leitura da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Vale ressaltar, que esta equipe ainda vinha estudando os melhores métodos para trabalhar com este público, tendo em vista que a oferta da L.A por parte do serviço do Creas, tinha pouco mais de dois anos.

³ Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/documentos/0008.html>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

Um dos desafios de se trabalhar com adolescentes é justamente suportar a sua fala. De maneira geral a adolescência é muito mais falada pelos adultos, pelo Outro social, que diz aquilo que ele deve fazer e falar, do que pelo próprio adolescente. Mas, O que estão dizendo sobre si? Que respostas estão dando diante da vida? De qual lugar estão se colocando subjetivamente? O que desejam? É o que interessa saber.

Quando perguntados pelo pai um deles comentou sobre o pai do colega, “*ele não sabe nem onde ele está*”, referindo-se a um pai que foi embora e não dá notícias. O pai apareceu apenas nesta conversa. Já a figura da mãe aparece em todos os encontros. Aquela que cuida, a única que acredita, o porto seguro para todos eles. A ausência desses pais, mesmo quando fisicamente presentes, podem corresponder para este na ausência da lei. O enfraquecimento do pai como função, pode fazer o sujeito encontrar identificações e modos de viver suas pulsões de várias formas, desde participar de movimentos sociais, artísticos, como entrar em uma gangue (BRISSET, 2016), isto vai depender das amarrações feitas pelo sujeito.

Os técnicos do Creas também são visto por eles como pessoas que apostam e acreditam neles. Brisset (2016) aponta para a relação que os adolescentes podem construir com as instituições as quais possuem vínculo. Em suas pesquisas com adolescentes autores do ato infracional, ouviu relatos dos mesmos sobre as mudanças que tiveram depois do encontro com profissionais das instituições pelas quais passaram. De modo que esses agentes ocupam de alguma forma o lugar do Outro para esses sujeitos. Afirma que mesmo enfraquecido o pai contemporâneo ainda não desapareceu e não há adolescente sem esse Outro, por isso ele divaga em busca de alguém ou algo que o referencie. Este encontro com o Outro é essencial neste momento de atravessamento que é a adolescência.

O ato infracional pode ser a busca por esse Outro ou a recusa total a este. A atuação aparece como sintoma e substitui a anunciação (CAPANEMA & VORCARO, 2016), e é esta enunciação que deve ser recuperada de modo que o ato dê lugar a palavra, por meio da qual o sujeito faz deslizar e criar novas formas de se haver com o que lhe atravessa. De acordo com Capanema & Vorcaro (2016):

[...] o ato aparece como uma saída cada vez mais recorrente, pois o Outro é muito inconsistente. O adolescente diante do excedente do gozo despertado no encontro com o real, e não dispondo do recurso ao Outro do simbólico, pode descobrir, como solução, a passagem ao ato (CAPANEMA & VORCARO, 2016, p. 156).

Preservar o direito a convivência em comunidade e fortalecimento do vínculo familiar é uma das medidas importantes nesse encontro com o Outro. Está em convívio com a comunidade, como propõe a MSE de L.A, tem a finalidade de fazer com que o adolescente

passa pelo processo de ressocialização, porém, para que isto ocorra é importante acolhimento e aposta no trabalho sobre a posição que ocupa o sujeito na responsabilização de seus atos e escolhas. A realidade se apresenta um tanto diferente.

Durante os encontros do grupo um dos adolescentes decidiu retomar os estudos. Este tinha 16 anos e estava no ensino fundamental. O Creas entrou em contato com a escola, que apresentou certa resistência para aceitar sua matrícula e até o último encontro a situação permaneceu da mesma forma. O adolescente, alvo deste processo, apresentou muita angústia frente ao medo da gestão da escola rejeitar sua matrícula, já esperando preconceito e negação por parte dela.

Outro participante do grupo trouxe uma fala que reflete essa relação com a comunidade e as marcas que por ela são impostas. Este se perguntou em um dos encontros, “*do que adianta não continuar roubando se continuo sendo visto como ladrão?*” O significante “ladrão” é uma marca para esse adolescente. Mesmo com suas mudanças em relação a esse rotulo, ele fica ali, sempre sendo remetido a esse significante e por este motivo é acometido por angústia e desesperança de fazer parte da comunidade. Sobre isto, Laurent (2016) aponta que “o modo de inscrição é um furo. A marca real é um furo que faz com que significantes se tornem inesquecíveis para aquele que o recebeu”.

Ainda sobre a escola, segundo Lacadée (2016, p. 37), “mais do que a arte de viver, a escola tem sob sua responsabilidade inculcar a “arte de viver nele”, a arte de saber fazer com esse mundo, com a condição de poder proporcionar um lugar para particularidade de cada um”. Desta forma, cabe a escola despertar no aluno o desejo de aprender, de criar e de se recriar. Mas, na realidade brasileira, a escola se nega a esse papel.

A escola na qual a maior parte do grupo estudava encontrava-se em reforma em pleno ano letivo e por este motivo vinha tendo uma aula por semana em todos os seus turnos. O que despertava nos alunos exatamente o oposto, um desinteresse, e sentimento negativo em relação a escola, além de mais uma vez a sensação de desamparo frente ao Outro, aqui representado pelo poder público responsável pela escola, ao qual os adolescentes se queixavam do abandono e descaso. Um dos adolescentes, por causa deste percalço, estava pensando em desistir de estudar e retomar no ano seguinte. Segundo ele, “*ir para aula uma vez por semana faz a pessoa perder a vontade*”.

Ao longo dos encontros o discurso pronto e politicamente correto foi sendo furado e, de forma sutil, os jovens foram se colocando. Aos poucos a transferência com a equipe foi sendo fortalecida. De acordo com Brisset (2016), a relação entre os adolescentes e os agentes

das instituições via transferência, não se trata de fazer igual ao mestre, mas fazer um furo, uma substância que faz andar o que é de cada um.

No último encontro da estagiária com o grupo de adolescentes em questão, foi possível identificar por parte dos mesmos uma posição mais clara de sujeito de seu próprio processo. Justamente nesse encontro finalmente foi abordado o tema que remetia ao fato de estarem ali. Naquela instituição. A socioeducadora perguntou sobre o andamento do julgamento de um dos adolescentes. Este falou de como estava sendo para ele manter-se sem cometer o ato infracional. O quanto a vida em sua comunidade era difícil, tendo em vista que ele já era conhecido como um sujeito fora da lei, assim como seu colega marcado pelo significante “ladrão”, citado anteriormente, apresentou um discurso de angústia e desesperança frente a vida em comunidade. Esse espaço para a condição real dos adolescentes colocando em cadeia significante formas de se inscrever no mundo, podendo ter sido o ato infracional uma forma de tornarem-se visíveis, porém sendo interditado e colocado em L.A, passa a carecer de novos significantes com os quais se identifiquem (STIVENS, 2000; BASTOS, 2007; CAPANEMA & VORCARO, 2012).

Esse último encontro convocou outros adolescentes, e, de diferentes pontos de vistas, falaram sobre o assunto. Um adolescente que vinha participando do grupo a certo tempo, falava que não queria reincidir. Outro que acabará de chegar no grupo, falou não se importar com as consequências de seus atos e que eles se justificariam por ser necessário manter o respeito dentro da comunidade, se referindo as constantes brigas que o primeiro adolescente relatou se esquivar. Assim, colocaram-se singularmente, e não a partir do discurso pronto e socialmente aceito. Essa perspectiva do trabalho é que abre a possibilidade de novas significações, pois é através da palavra que haverá um deslocamento, desviando a pulsão do seu fim, não dando passagem ao ato, de forma a fazer amarrações daquilo que andava solto, ou destrutivo no sujeito (BRISSET, 2016). Ao fim daquele encontro os adolescentes que sempre apareciam com semblantes de cansaço e angustia, saíram com semblantes menos carregados e pela primeira vez, se despediram com abraços.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão importante no que diz respeito ao trabalho com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa é sobre a forma de fazer se recolocarem em relação ao ato infracional sem partir de um discurso normativo. Neste sentido, é partindo do discurso

próprio desse sujeito, daquilo que ele traz em sua fala, que algo pode ser feito. O foco das intervenções devem estar voltados para o que o adolescente demanda e traz em sua fala e não na fala e/ou domínio do saber por parte dos profissionais que os atende. Nada adianta se colocar no lugar de predicador de verdades, criando barreiras para a possibilidade de um discurso criador que é a via para um processo de ressignificação. Abrir espaço para fala é acolher o adolescente como sujeito, auxiliando na ressignificação do ato infracional e do lugar de responsabilização e construção subjetiva por outra via que não seja a do crime, possibilitando, assim, um laço social (FERREIRA & VESCOVI, 2014).

A fragilidade, na atualidade, da figura simbólica da lei, faz com que adolescentes (re)inventem novas formas de se inscrever e de se identificar, sendo a adolescência atual e sua relação com a passagem ao ato, um campo de estudo norteador para repensar a respeito das novas formas de vivenciar a libido, o gozo e a relação com o Outro, desfalecido.

A partir deste trabalho foi possível refletir sobre a prática da atuação do psicólogo e do trabalho junto a figura do(a) socioeducador(a) na medida socioeducativa e a importância de colocar o sujeito em evidência, acolher sua fala, seu discurso, podendo nomear aquilo que o atravessa, e colocá-lo como protagonista de sua vida. Neste sentido, a transferência e seu manejo são essenciais para trabalhar com cada singularidade, sem fórmulas prescritas, mas apostando no saber fazer de cada um.

EXPERIENCE REPORT OF AN OPERATING GROUP WITH ADOLESCENTS IN COMPLIANCE WITH SOCIOEDUCATIVE MEASURES OF ASSISTED FREEDOM

ABSTRACT

The present report is about a traineeship experience held at the Specialized Reference Center for Social Assistance (CREAS) located in the city of Lagoa Seca-PB, with a group of adolescents in Compliance with Socio-Educational Measures (MSE) of Assisted Freedom (L.A). This experience had as objective to reflect on the experiences of the adolescents in compliance with MSE of LA. As far as the methodology was concerned, thematic and resources were used that aimed to foment (re) thinking the infraction act, beyond the potentialities and possibilities of present and future for adolescents. The results highlight a change in the position of the adolescents and the management of the psychologist responsible for the group, from normative discourse to the specific issues of each adolescent and their implication with the infraction. This change was mobilized by the transference and the greater openness, in the management of the group, to the speech of the subjects themselves.

Keywords: Socioeducative measure; adolescence; psychology.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S.(1986). **O que querem as mulheres?** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

BASTOS, R. F. O mundo do crime: Uma possibilidade de enquadre – indicação de um tratamento possível. In: R. Bastos, D. Ângelo, & V. Colnago (Org.). **Adolescentes, violência e a lei**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007, p. 73 – 82.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome (2011). **Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Creas**. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/cartilhas/perguntas-respostascreas.pdf. Acesso em: em 30 de Abril de 2018.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome (2011). **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS**. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/04-caderno-creas-final-dez..pdf>. Aceso em: Recuperado em 30 de Abril de 2018.

_____. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos**. Brasília - DF: CONANDA, 2006. Disponível em: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>. Acesso em: 30 de Abril de 2018.

BRISSET, F. O. A ginga entre a lei o tô fora da lei. In: **Errâncias, adolescências e outras estações** / organizado por Heloisa Caldas, Aline Bemfica e Clarisse Boechat . - Belo Horizonte : Editora EBP, 2016, p. 111 - 124.

CALDAS, H. Segregação, violência, e errância. In: **Errâncias, adolescências e outras estações** / organizado por Heloisa Caldas, Aline Bemfica e Clarisse Boechat . - Belo Horizonte : Editora EBP, 2016, p. 125 – 135.

CAPANEMA, Carla Almeida; VORCARO, Angela. Modalidades do ato na particularidade da adolescência. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 1, p. 151-163, jun. 2012.

Conselho Federal de Psicologia. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(as) em Programas de Medida Socioeducativas em Meio Aberto** / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CEP, 2012.

FREDA, D. A. de. A desorientação nos adolescentes. In: **Errâncias, adolescências e outras estações** / organizado por Heloisa Caldas, Aline Bemfica e Clarisse Boechat . - Belo Horizonte : Editora EBP, 2016, p. 211 - 217.

JACONINA, O. M. P. & COSTA, L. F. Da medida protetiva à socioeducativa: o registro da (des)proteção. **Revista Psicologia política**. São Paulo, 2011, p. 123 – 139.

LACADÉE, P. A esperança da adolescência. In: **Errâncias, adolescências e outras estações** / organizado por Heloisa Caldas, Aline Bemfica e Clarisse Boechat . - Belo Horizonte : Editora EBP, 2016, p. 34 - 59.

LACAN. J.(1972-1973). O seminário, Livro 20, **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAURENT. É. Inconsciente e acontecimento de corpo. **Correio**. Belo Horizonte, nº 78, p. 33, abril, 2016.

Lei Federal de n.º 12.435, de 06 de julho de 2011. **Dispõe sobre a organização do Sistema Único de Assistência Social e dá outras providências**. Publicado no DOU de 07 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112435.htm>. Acesso em: 01 de Maio de 2018.

Lei Federal de n.º 12.594, de 18 de janeiro de 2012. **Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase)**. Publicado no DOU de 19 de janeiro de 2012. Retificado em 20 de Janeiro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112594.htm. Acesso em: 01 de Maio de 2018.

Lei Federal de n.º 6.697, de 10 de outubro de 1979. **Institui o Código de Menores**. Diário oficial da união, 11 de Outubro de 1979. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6697-10-outubro-1979-365840-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 de Maio de 2018.

Lei Federal nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário oficial da União, Brasília, DF, 16 julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 01 de maio de 2018.

RAMÍREZ, M. E. Errância e adolescência. In: **Errâncias, adolescências e outras estações** / organizado por Heloisa Caldas, Aline Bemfica e Clarisse Boechat . - Belo Horizonte : Editora EBP, 2016, p. 136 - 146.

SCHMITT, A. A.; NASCIMENTO, D. M; SCHWEITZER, L. Grupo com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida: Relato da experiência em um

Centro de Referência Especializado em Assistência Social. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 11 (2). São João del-Rei: julho á dezembro de 2016, p. 399 - 411.

STEVENS, A. Nuevos sintomas en la adolescência. **Revista Lazos**, n.4, Rosário, Escuela de La Orientación Lacaniana, Sección Rosário, (2000), p.49-56.

ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Nós, do Centro de Referência Especializado em Assistência Social – Creas, da cidade de Lagoa Seca, PB, localizado na Rua Francisco Félix da Silva, n 132, bairro Centro, CEP 58.117-000, estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado "Relato de experiência de um grupo operativo com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida" desenvolvida pela aluna Camila Deodônio de Queiros, matrícula de nº 131283847, do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Maria Lígia de Aquino Gouveia.

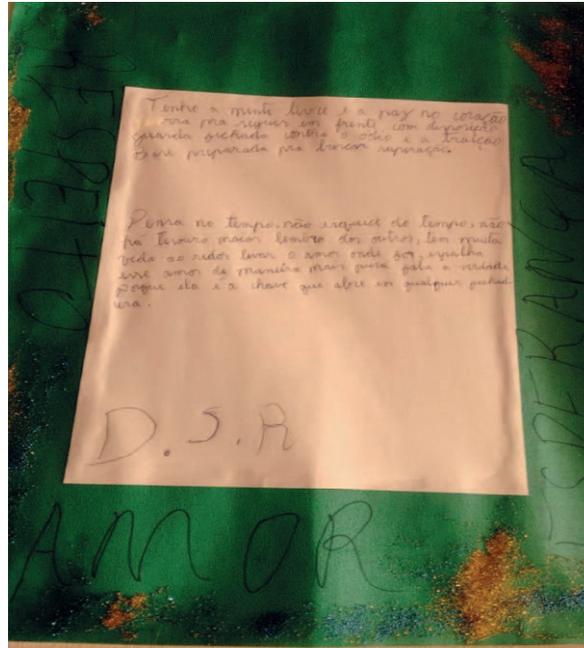
Lagoa Seca, 06/06/18

Fabiana Correia de Lima

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Fabiana Correia de Lima
Coordenadora CREAS
CPF: 032.863.144-20
Portaria 105 / 2018

ANEXO IV – CARTAZ COM VERSOS DA MÚSICA FÉ NA LUTA (GABRIEL O PENSADOR), CONFECCIONADO NO QUARTO ENCONTRO



ANEXO IV – CONTRATO CONFECCIONADO NO QUINTO ENCONTRO

